



'NÃO PAGO'

Socorro faz hoje ato contra tarifa de ônibus

Na tarde de hoje, sexta-feira, 05, os manifestantes socorrenses vão às ruas cobrar dos representantes políticos do Estado melhorias na qualidade da saúde, da educação, segurança, redução da passagem e várias outras pautas. O quinto ato do movimento "Acorda Aracaju", que tem mobilizado centenas de pessoas em todas as suas edições, não tem data definida. Uma reunião para a construção do quinto ato está marcada para o dia 9 de julho, às 18h.

Será que os atos de vandalismo que vêm ocorrendo isoladamente dentro das manifestações têm afastado os manifestantes? Será que as denúncias feitas pela polícia, acusando alguns líderes do movimento de incitar a violência também contribuíram?

Para o diretor administrativo e financeiro da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe (Adufs), Elisson Carvalho, as falsas declarações de incitação à violência alardeada pela polícia sergipana não condizem com a realidade, mas contribuíram para afastar os manifestantes das ruas.

"O nosso primeiro ato reuniu cerca de 30 mil pessoas, pois foi impulsionado pela repercussão midiática de outras mobilizações. As ações, no entanto passaram a ocorrer de forma contínua e essa periodicidade prejudicou a participação popular. Todavia, as declarações como as feitas pelo tenente-coronel Paiva, no rádio, assustaram as pessoas com certeza. Para mim essa é uma manobra utilizada para enfraquecer as mobilizações. Colocando o povo contra os atos, numa tentativa até de facilitar o trabalho dos policiais", acredita Elisson.

Elisson alega ainda que a Adufs não tem conhecimento, nem provas contundentes de que algum manifestante, integrante dos movimentos, incentivou atos de violência em nenhuma das edições da marcha. "Até agora as manifestações foram realizadas de maneira ordeira e democrática por parte dos manifestantes que estão ali para isso. Sabemos sim que ações pontuais de vandalismo têm acontecido, mas não por parte dos manifestantes e sim dos vândalos que infelizmente se infiltram na mobilização. A polícia vive falando desses atos de incitação, mas não prova nunca. Hoje todo mundo tem uma câmera, um celular que filma na mão e ninguém mostra uma coisa como essa é só especulação".

Mas segundo o tenente-coronel Paiva não é bem assim, e graças ao trabalho infiltrado da polícia dentro das manifestações um vídeo mostrando o incentivo aos atos de violência por parte do líder do movimento "Não Pago" foi gravado e será utilizado como prova no

▼ "VANDALISMO TEM ACONTECIDO, MAS NÃO POR PARTE DOS MANIFESTANTES, E SIM DOS VÂNDALOS QUE SE INFILTRAM PARA ENFRAQUECER"

inquérito que será aberto junto aos **Ministérios Públicos Estadual e Municipal (MPE e MPM)**. "Temos tudo isso documentado e vamos encaminhar esse material para que as providências sejam tomadas. Já que os envolvidos nesses problemas alegam que não estão fazendo isso, ficamos nos questionando porque eles não vêm a público falar com a população, pedir ordem nas manifestações. Estamos preocupados, mas iremos continuar agindo com a mesma conduta adotada desde o início e só iremos interferir na manifestação caso ela venha a sair do controle", garante Paiva.

Ainda de acordo com Paiva, os atos de vandalismo que tem ocorrido na capital não se justificam, no sentido de chamar a atenção, pois vários outros manifestos já ocorreram em todo estado e de maneira muito mais ordeira que na capital. "Outras mobilizações já foram realizadas nos municípios de Capela, Carmópolis, Simão Dias, Tobias Barreto, Lagarto, Itabaiana, Estância, São Cristóvão e Aquidabã, todas pacíficas e muito produtivas. Aqui na capital, no entanto, parece-me que o movimento perdeu o foco ao invés de sentar com a polícia, como eles fizeram no primeiro ato eles estão acreditando que depredando e destruindo é que vão conseguir alcançar seus objetivos", lamenta.

Comerciantes

Apesar dos casos de violência que tem ocorrido aos prédios públicos da capital os comerciantes do centro afirmam que não estão mudando seu horário de funcionamento, mas que apesar disso tem tido prejuízos com a manifestação. "No primeiro dia de mobilizações nós preferimos fechar e não arriscar, pois não sabíamos como esse ato seria realizado. Mas depois vimos que isso não seria necessário e de lá para cá continuamos trabalhando em horário normal. Como o percurso deles não passa por aqui estamos tranquilos, mas tendo prejuízos com a falta de clientes, pois muitas pessoas tem sido liberadas do servido após às 13h", explica Edimara Santana Matos, gerente de um restaurante.

Já a loja de bolsas onde trabalha a vendedora, Magna Eliza Ribeiro Barreto, fechou as portas durante as duas primeiras manifestações, mas também contabiliza prejuízos devido à ausência de clientes no centro da cidade. "Não temos problemas com os manifestantes, mas não podemos negar que as vendas caíram nos dias em que as manifestações foram realizadas. Nesses dias, mesmo sem que os atos de vandalismo tenham chegado até aqui, o comércio praticamente para e as nossas vendas quase não acontecem. Muitas pessoas deixam de vir com medo de não ter ônibus para voltar ou do trânsito que fica bastante congestionado", alega.